

MANDJUANDADIS NA GUINÉ-BISSAU: um estudo antropológico sobre práticas culturais em coletivo de mulheres

MARCIANO SANCA

RESUMO

O coletivo reforça a ideia de que uma identidade é uma construção sociocultural que se faz em relação a um determinado grupo social sobre os outros grupos. A *mandjudandi* refere-se ao sistema de relações sociais das mulheres Bissau-guineense da mesma faixa etária, ou seja, conjunto social das mulheres que compartilham certas características (valores, raízes étnicas, linguísticas e parentesco). O espaço cultural e educacional em que a ideia da liberdade atravessa: lá pode cantar, brincar livremente, ensinar, inclusive à sua sensualidade, tanto nos versos que canta, quanto na sua performance enquanto dança. Assim, o coletivo *mandjuandadi* possibilita intervenção organizada na busca pela construção de um espaço público de iguais e na redução das desigualdades sociais, onde as mulheres de várias comunidades (étnicas, linguísticas, religiosas, econômicas e políticas) compartilham as suas diversidades culturais, assim, pode ser percebida como espaço, território de integração das diversidades. Nas *mandjuandadis*, as mulheres fazem dos seus contíguos, testemunhas e fontes históricas de reivindicações dos seus direitos e da resistência. O presente artigo busca compreender como as diversidades se consegue conviver dentro espaço *mandjuandadi*, assim como, entender os impactos do coletivo na construção da identidade cultural guineense, a partir da lógica da *mandjuandadi*. O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de levantamento histórico bibliográfico sobre as *mandjuandadis*. Além da compreensão da estruturação e funcionamento da mandjuandadi, espera-se elucidar ainda mais a importância dos movimentos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Coletivo *mandjuandadi*, mulheres, Guiné-Bissau.

ABSTRACT

The collective reinforces the idea that an identity is a sociocultural construction that is made in relation to a particular social group over other groups. The *mandjudandi* refers to the system of social relations of Bissau-Guinean women of the same age group, that is, the social set of women who share certain characteristics (values, ethnic roots, linguistic and kinship). The cultural and educational space in which the idea of freedom runs through the group: there they

Graduado em Ciências Humanas, graduando em antropologia pela Universidade da Integração Internacional Afro-Brasileira – UNILA e Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Data da submissão: 23/08/2023

can sing, play freely, teach, including their sensuality, both in the verses they sing and in their performance while dancing. Thus, the mandjuandadi collective enables organized intervention in the search for the construction of a public space of equals and the reduction of social inequalities, where women from various communities (ethnic, linguistic, religious, economic, and political) share their cultural diversities, thus it can be perceived as a space, a territory of integration of diversities. In the mandjuandadis, women make their contiguous, witnesses and historical sources of claims for their rights and resistance. This project seeks to understand how diversities manage to live together within the mandjuandadi space, as well as to understand the impacts of collective in the construction of Guinean cultural identity from the logic of mandjuandadi. The study consists of a qualitative research, historical bibliographical survey on the mandjuandadis, through field research, the ethnographic approach and conducting interviews. In addition to understanding the reality where the research was carried out, it is hoped to further elucidate the importance of movements in the construction of a more just and egalitarian society.

Keywords: Mandjuandadi Collective, women, Guinea-Bissau.

INTRODUÇÃO

Os coletivos são formas de organizações sociais que reúnem grupo de pessoas para um fim, ou seja, trabalham em conjunto para cumprimento de uma pauta. Reunidas pelas ações coletivas, onde os seus integrantes (membros) têm e comungam as mesmas características. O coletivo reforça a ideia de que a identidade é uma construção sociocultural que se faz em relação a determinado grupo social sobre os outros grupos, permitindo as suas distinções. Também é um sistema organizacional estratégico que permite ao grupo se juntar em uma única frente, fazendo dele um instrumento de luta, reivindicação e resistência.

Em grosso modo, o coletivo é sistema organizacional que perspectiva (re) conscientizar a massa popular sobre as suas condições sociais. Por isso, é uma organização de extrema importância para criação dos novos paradigmas da modernidade, visando formar uma sociedade democrática, mais justa e igualitária.

O nosso estudo está vinculado ao coletivo das mulheres guineenses denominado *mandjuandadi*. Sistema de relações sociais das mulheres Bissau-guineense da mesma faixa etária, ou seja, conjunto social das mulheres que compartilham certas características (valores, grupos étnicos, religião, linguísticas e parentesco).

É de ressaltar que o atual território em que a ideia do trabalho se vincula, se denomina Guiné-Bissau, um pedaço de terra africana, delimitado pelo acordo conhecido como partilha da África, efetivada no século XIX, pelas metrópoles europeias, na famosa conferência de Berlim, que ocorreu em 1884/5, sem o consentimento dos povos que ali habitam. O país foi colonizado por Portugal, para sua libertação dos jogos coloniais, depois de várias tentativas, sem sucesso da negociação, acabou a desencadear luta armada para sua libertação. Luta que durou 11 anos, de 1963 a 1974.

É um país da África ocidental, que faz fronteira com Senegal ao norte, Guiné-Conakry ao sul e ao leste e com o Oceano Atlântico a oeste. O território conta com superfície total de 36.125 K2, composto por três províncias, Norte, Sul e Leste; dividida em oito (8) regiões: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali, mais o sector autónomo, capital Bissau. Com uma população estimada de 1,9 milhões, com mais de 35 grupos étnicas, na sua maioria camponeses, vivem nas zonas urbanas e rurais.

O país contém também uma zona insular com cerca de 88 ilhas e ilhéus. Cada grupo étnico tem a sua língua, assim, o crioulo é a língua da interação, da unidade nacional, enquanto português é língua oficial falada nas instituições estatais. É praticada em todo território nacional três religiões: muçulmanos, cristão e “animismos”.

O território é compartilhado por grupos étnicos, não obstante, existe uma certa predominância de um grupo em uma determinada região. Por exemplo: região de Biombo é predominado pela etnia papel; região de Cacheu, com maior predominância de *mandjacu*; Bafatá com predominância de fulas, Oio com predominância de mandingas, Bolama com predominância de bijagós. No seu todo, compõem uma vasta e rica diversidade cultural e linguística. Os grupos são estruturados socialmente, economicamente e culturalmente de modos diferentes, com sistema de parentesco baseado em comunidade, sustentado pela solidariedade.

A vida comunitária desempenha papel muito fundamental na lógica da relação social entre as pessoas. Nesta perspectiva, Tomás Domingos (2011) partilha a reflexão de Julius Nyerere, pai da independência da Tanzânia, país da África oriental, baseada na ideia de *Ujamaa*, para ilustrar as relações sociais africanas baseada na solidariedade. Domingos salienta que, *Ujamaa* é o humanismo africano, constitui fundamento dos valores da hospitalidade e da solidariedade social, econômica e política.

Por isso, todos os seres humanos constituem uma única irmandade/humanidade, onde cada ser é membro integrante da família humana. Sendo assim, independentemente da estrutura do indivíduo, a sua condição social, mesmo estando em profunda transformação, a família, vida em comunidade continua sendo base/suporte, constituindo o abrigo diante de situações adversas da vida.

A constituição do coletivo *mandjuandadi* não foge desses princípios. Assim, *mandjuandadi* é um espaço em que etnias, linguísticas, religiosas, econômicas e políticas compartilham as suas diversidades. Posto isso, o espaço pode ser percebido como território da integração, da diversidade, em que todo e qualquer grupo étnico pode integrar.

Para melhor compreender como funciona o coletivo, trazemos Odete Semedo, uma das pioneiras, referências nos estudos de *mandjuandadi* na Guiné-Bissau. Na sua tese de doutorado intitulado: “as *mandjuandadi* - cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura” 2010, Semedo (2010) considera que *mandjuandadi* é um espaço cultural, educacional e musical em que a ideia da liberdade atravessa o grupo: lá pode cantar, dançar, tocar instrumentos musicais, brincar livremente, ensinar e aprender, tanto nos versos que canta, assim como na performance enquanto dança.

Ainda a autora frisa que na *mandjuandadi*, as mulheres interagem umas com as outras, aceitando direitos e obrigações como sócias, o que lhes permite comungar uma identidade comum e espírito de resistência, e de emancipação social e cultural.

Para integrar grupo de *mandjuandadi*, não importava, grupo étnico, classe social, religião, desde que a ideia de cada membro vai e comungam com os princípios do grupo, é

bem-vindo. Aproveitando assim as diversidades étnicas para enriquecer o grupo. Por isso, se percebe que o estatuto de “eu” não faz muito sentido, o que se vive é nós, ou seja, o coletivo se representa e identifica como bloco único não homogêneo.

A *mandjuandadi* é um nome comum para todos os grupos de *mandjuandadis*. Além da denominação *mandjuandadi*, cada grupo tem um nome atribuído. Por exemplo: grupo de *mandjuandadi*: *Firkidja di Bula*, *Netos de bande*, *Cabas de amizade*, *Maram cabeça*, *Amizade de empantcha*, *Mumbessa*, *Nova esperança*, *Bambaram*, *Kassaf de Bula*, *Besse mar*, *Pé de banco*, *Kombe fina*, *Blamense*. Cada um desses nomes atribuídos a um grupo, tem algum significado, passa alguma mensagem.

Cada grupo se estrutura da sua forma, assim como cada grupo se forma por motivo de condição diferente. Não existe um estatuto fixo no qual, os grupos devem se formar ou estruturar. Borges (2006), frisa que entre grupos de mulheres na Guiné-Bissau, dependendo de cada cidade, região, setor ou bairro, cada um tem suas classificações que perpassam pela mesma finalidade de atividades associativas distinguindo como associações económicas, religiosas, políticas, recreativas ou de interajuda, proteção social, que recorrem à base identitárias de recrutamento (idade, sexo, etnia, local de residência ou de trabalho).

Não obstante, existe em todos os grupos a figura de rainha, rei e vocalista. É de salientar que no começo, não existia figura masculinos (rei), sendo grupo de mulheres, só existia figura feminina (rainha). Uma vez que existia a figura da rainha, as mulheres acharam por bem que o caminho não se faz sozinho, introduziram a figura do rei, o que não lhes tira a centralidade do poder, continuam sendo figura de destaque, lugar do poder, figura visível.

O coletivo “neto de Bandim” que propomos estudar foi inicialmente formado por um grupo social de pessoas, os/as moradores/as de Bandim. Bandim é um dos bairros de Bissau, capital do país. O Grupo Netos de Bandim foi criado pelos moradores de Bandim no dia 12 de novembro de 2000. A ideia inicial é fazer uma campanha de sensibilização sobre a convenção de direitos das crianças, depois de lá, acham que é uma estrutura que pode ser boa e útil para resgatar, preservar e valorização da cultura da Guiné-Bissau. Através das suas músicas, continuam fazendo trabalho de sensibilização da população sobre diferentes fenômenos, assim como, práticas nefastas, também criticam a má governação do país.

A *mandjuandadi* por ser um espaço que acolhe as diversidades étnicas, culturais, religiosos, político, o presente trabalho busca compreender como as diversidades se consegue conviver dentro desse espaço, assim como, entender dos impactos de coletivo na construção da identidade cultural guineense, a partir da lógica da *mandjuandadi*. Essas e outras inquietações, são os fins da presente proposta.

Diante disto, surge a necessidade de realizar estudo antropológico para melhor compreender as configurações socioeconômicas, culturais e políticas, do impacto da *mandjuandadi* na construção da identidade cultural guineense.

Portanto, este estudo contribuirá para a produção do conhecimento científico na área de Ciências Humanas, especialmente em antropologia, visto que são ciências ou áreas de conhecimentos que procuram estudar os aspectos identitários, socioculturais, de gênero entre outros.

Além da introdução e considerações finais, o presente trabalho se estrutura em três (3) seções, entre elas: Coletivos como forma da existência e da resistência, em que trazemos uma panorama de que vem sendo *mandjuandadi* ao longo de tempo; *Mandjuandadi*: os caminhos de uma pesquisa antropológica, em que podemos fazer abordagem de forma detalhado como pretendemos desenvolver o trabalho; *Mandjuandadi*, instituição que representa diversidade cultural guineense, abordamos como o coletivo permite a construção de espaço que possibilita a intervenção de grupo minoritária, socialmente construído pelo colonialismo, podem falar e ser autores, protagonistas das suas histórias, agente ativa na esfera pública e privada.

COLETIVO COMO FORMA DA EXISTÊNCIA E DA RESISTÊNCIA

Conforme Edward Said, no seu estudo sobre “Orientalismo: oriente como invenção do ocidente”, (2003), as pessoas que não se situam no Ocidente têm sido construídas como “outro” através de uma imagem fantasmagórica revestida de enigma e do protótipo ocidental – construções que se deram a partir do colonialismo com suas subjetividades. Sistema esse que permite a configuração da sociedade através da categoria gênero, raça, sexualidade e classe, possibilitando a hierarquização social, subalternização e desigualdade social.

A partir dessas configurações, os gritos levantados pelo coletivo, representam vozes que buscam ser ouvidas, possibilitando cada vez mais a sua inserção e da ocupação de espaços da tomada da decisão, assim, como procuram romper com paradigmas da dominação pelo processo colonial através das caracterizações acima mencionadas.

No que diz respeito a realização do presente trabalho, desde os meus primeiros momentos (2018) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) interessei-me nos estudos sobre as questões das identidades culturais e da integração dos coletivos minoritários (mulheres, negras/os, indígenas, quilombolas pobres, periféricas, imigrantes etc.), ou seja, os não ocidentais nos espaços sociais e públicos.

A minha primeira intervenção nesta área de estudo pode ser observada no meu trabalho de conclusão de curso de bacharelado interdisciplinar em humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB cujo tema foi “Globalização e Identidade Cultural Guineense: uma análise interdisciplinar sobre as trajetórias estudantis” (2020) em que foi abordada a questão das identidades culturais dos estudantes guineenses da referida universidade.

No momento da realização de trabalho supracitado, deparei-me com inúmeras obras e autores/as que debatem elementos constituintes da organização de coletivos culturais das mulheres, como forma da existência e de integrações e/ou ocupação de lugar que lhes permitem expressar as suas identidades culturais no meio social, ou seja, para empoderamento de lugares de fala.

Um espaço cultural e educacional que se refere ao sistema de relações sociais das mulheres Bissau-guineense da mesma faixa etária. Território onde as mulheres de várias comunidades (étnicas, linguísticas, religiosas, econômicas e políticas) compartilham as suas diversidades culturais. Uma organização musical, no qual as mulheres conseguem através das suas músicas expressar os seus sentimentos, fazem dos seus cânticos, testemunhas e fontes históricas de reivindicações dos seus direitos e da resistência.

Posto isto, esses espaços estão demarcados por relações de poder e da definição dos limites que outrora, estes coletivos têm que fazer jogo de identidades e criar mecanismos que possibilitam a reterritorialização e emancipação. Criação de novos espaços, território atento para liberdade de expor as ideias, sentimentos e não só, como espaço crítico, de reivindicações, questionamentos das possíveis situações que atravessam a sociedade. Espaço da inconformidade, da ressignificação das práticas culturais que outras horas são desvalorizadas, estigmatizadas, desconsideradas.

O coletivo através das suas versões musicais, no período colonial e da luta da libertação nacional, criticava o regime na época, e enaltece os combatentes da liberdade de pátria, os pessoais que estavam na linha de frente, lutando pela independência. Nos momentos atuais, Odete Semedo (2010), considera que os artistas que criticavam o regime colonial através das poesias, músicas, lançavam mão dos mesmos instrumentos, fazendo de porta-voz do povo, questionando o poder político dos acontecimentos e das situações em que o país se encontrava.

Nas *mandjuandadi*, as mulheres que cantaram, enaltecendo os combatentes, animaram as noites com as suas cantigas, questionaram os que estavam enchendo os bolsos de dinheiro, enquanto o povo sofria. Assim, atentas e atentos aos acontecimentos cotidianos. As *mandjuas* fazem das cantigas testemunhas e fontes históricas, a seu modo de reivindicação (SEMEDO 2010. P.74).

No momento atual, elas fazem a mesma coisa com os governantes em diferentes momentos em que o país se encontra, também face a diferentes fenômenos sociais. Por exemplo, quando conta sobre a ineficácia da excisão feminina, migração clandestina, de certa forma, está sensibilizando, educando para abolir a prática, porque tem conhecimento do real impacto negativo na vida.

Assim, a ideia de realização do presente trabalho vem das inquietações suscitadas nas leituras feitas e nas orientações com a Professora Dra. Vera Rodrigues para efeito da realização de trabalho supracitado, também na disciplina ofertada no terceiro semestre do curso de Antropologia (Gênero, Famílias e Sexualidades) ministrado pela professora Dra. Violeta Holanda, na mesma universidade, nas quais foram abordados temas relacionados a lugares e a papéis que as mulheres, negras/os, pobres, populações periféricas, de zona rural ocuparam (e ainda ocupam) na sociedade.

A estruturação social que se deu através das categorizações raça, gênero e classes, são fatores que contribuem para criação de grupos minoritários (mulheres, negras/os, pobres, populações periféricas, imigrantes etc.), também para que ocupassem e vivessem na margem

da conjuntura sociocultural, política e econômica, se entrecruzam, gerando formas diferentes de experienciar as opressões.

Nesse sentido, a ideia inicial era fazer um estudo sobre a organização das mulheres Bissau guineenses, coletivo de *mandjuandadi*. Após elaboração da proposta, foi apresentada a professora Vera para as possíveis sugestões. Durante a nossa conversa, me falou de uma outra banda feminina em Salvador - BA, se trata da Didá, com característica similar à de *mandjuandadi* e que seria interessante fazer estudo paralelo dos dois grupos, trazendo os pontos de semelhanças, assim como, das suas diversidades, por serem de país e cultura diferentes.

Até naquele preciso momento, desconhecia a existência do coletivo Didá, abracei a proposta e comecei a pesquisar sobre a banda. Quanto mais pesquisava, percebia que, contudo, é uma boa proposta de estudo, mas para o seu efeito da realização em dois países diferentes, dará grande trabalho. A banda Didá está localizada em Salvador - BA, para realização do campo, terei que passar algum tempo em Salvador e depois para Guiné-Bissau, o que requer tempo suficiente.

No momento, me encontro em Pelotas – RS, fazendo mestrado em antropologia, na Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. Mestrado por ser um curso com a duração de 2 anos em que tem que cursar as disciplinas, fazer o campo, para depois escrever a dissertação, é tempo muito curto. Além de tempo curto para fazer dois campos em dois países diferentes, é preciso ter recurso financeiro, não só para viajar, assim como, para permanecer o tempo necessário no campo, o que não tenho.

Isso nos faz pensar em uma possibilidade alternativa de trabalho, optamos por trabalhar só com a banda Didá no mestrado, já que estou aqui no Brasil. Campo esse que foi realizado de dezembro de 2022 a março de 2023 deste. No momento estou escrevendo a dissertação, terceira etapa de fazer etnográfica, que se faz de volta para casa, depois de tempo passado no campo.

Uma vez que a proposta inicial é estudar com os dois coletivos, a primeira parte já está em desenvolvimento no mestrado. Optamos por dar continuidade à segunda parte, estudo vinculada ao coletivo de *Mandjuandadi* da Guiné-Bissau no “doutorado”. Para o amadurecimento da nossa reflexão sobre o estudo, nessa primeira fase apresentamos em formato de artigo, as compreensões sobre *mandjuandadi*, exercício metodológico baseado na revisão literária. Contaremos desenvolver o estudo em outro momento, por isso, trazemos no item que se segue, os caminhos que pretendemos seguir para desenvolver o trabalho.

A escolha do grupo netos de Bandim para os efeitos da realização de pesquisa de campo se dá por ser um bairro da capital Bissau, tem a probabilidade de ter diversos grupos étnicos e religião, por isso, elegemos o grupo para realizar o estudo.

Além da compreensão da realidade sócio-histórico e cultural do coletivo *mandjuandadi* através da pesquisa etnográfica, elucidar ainda mais a importância de movimentos/coletivos (netos de Bandim) na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, contrapondo pensamento e narrativa hegemônica.

Diante disso, surgem as seguintes indagações: Quais são os impactos da *mandjuandadi* na construção da identidade cultural guineense? Quais são as suas implicações no processo da transformação social? Como diferentes grupos étnicos, religiosos conseguem conviver no espaço *mandjuandadi*? Quais são as práticas culturais que se realizam no grupo?

MANDJUANDADI: os caminhos de uma pesquisa antropológica

O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de levantamento histórico bibliográfico sobre *mandjuandadi* na Guiné-Bissau, por meio de pesquisa de campo, através da observação participante, da abordagem etnográfica e realização das entrevistas. Sobre as referências históricas bibliográficas, está sendo realizada investigação dos acontecimentos históricos mais significativos da *mandjuandadi* desde a sua criação e de como as práticas desenvolvidas nas *mandjuandadis* vem impactando no processo da transformação social e no desenvolvimento econômico do país. Considerando a localização geográfica de coletivo a ser estudados, a pesquisa de campo será realizada no bairro de Bandim, Bissau-GB.

O relato etnográfico, outro momento da pesquisa que o trabalho pretende realizar. Para Ingold (2018), a etnografia busca descrever detalhadamente a vida pela forma que é vivida e experimentada por um povo, grupos, classe em um determinado lugar e em um tempo específico. Ela não se resume ou termina depois do campo, depois da volta para casa, os encontros, palestras, conferências, seminários, são eventos ou acontecimentos que dão seguimento ao campo, ou seja, o campo segue por resto da vida de pesquisador/a.

A abordagem etnográfica possui três fases, como frisa Uriarte (2012): a primeira delas é mergulhar nas teorias, informações e interpretações sobre temática e a população/comunidade em estudo, é o que estamos fazendo no momento. A segunda fase consiste em longo tempo, vivendo entre os “nativos” (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais), no nosso caso, se trata de grupo de *mandjuandadi Netos de bandim*, em Bissau. Esta fase se conhece como “trabalho

de campo”, a ser realizado em Guiné-Bissau. A Terceira e última fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa, depois de tempo mergulhado nas atividades realizadas pelos grupos durante o campo. Momento de se distanciar do campo a fim de fazer análises dos dados.

A observação participar é um outro momento que trabalho conta realizar, consiste em estar presente e participar de forma ativa na vida e no cotidiano da comunidade, grupo em estudo, *netos de banda*.

Assim, observar é perceber o que as pessoas estão dizendo e fazendo, é olhar e ouvir, é uma maneira de participar atentamente do dia a dia da comunidade, ou seja, é um modo de aprender. Permite ao etnógrafo/a compreender a relação entre história, ideologia e ação de modos que não poderia ter previsto. A observação participante faz o investigador considerar a vida das pessoas e as relações sociais em sua totalidade. Faz pesquisador/a sempre estar aptos a considerar novas possibilidades em um estudo aberto. Obriga o/a pesquisador/a revisar constantemente teorias e pressupostos, mostra que o que é estranho pode de fato ser a base de uma nova análise (INGOLD, 2018; SHAH, 2020).

Além da observação participante que o trabalho conta realizar, a entrevista é um outro momento de pesquisa de campo, técnica essa que consiste em interação social entre duas pessoas, na qual, uma é entrevistada, tendo como objetivo fazer acolhimento de informações por parte da outra, a entrevistada. As entrevistas ou relatos das falas dos/as nossos/as interlocutores/as serão gravados e transcrevidos. Faremos registros das imagens durante o campo, servirão para ajudar na ilustração das abordagens no momento de escrever, Boni e Quaresma (2005).

A teoria se aprimora pelo constante confronto com novos dados da pesquisa, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual, contribuindo para desvendar novos caminhos que ajudam a entender o mundo em que vivemos. Sendo assim, a interpretação ou análise de dados dialoga com outros trabalhos já feitos da mesma natureza para dar mais ênfase à análise (FLICK, 2009; PEIRANO, 2014).

Pode ser percebido que a análise de dados envolve uma determinada forma de comparação dos fenômenos da pesquisa e das teorias científicas já descritas, de modo a contemplar os objetivos de trabalho. A análise dos dados empíricos coletados será feita através das seguintes abordagens: formação da identidade cultural Guineense a partir da lógica da mandjuandadi; interações étnicas/raciais, classe, gênero e sexualidade como elementos identitários; importância da mandjuandadi no processo da transformação social; a impacto sócio-histórico, cultural do coletivo na vida dos seus integrantes; configuração do processo do

ensino e de aprendizado na ceio da *mandjuandadi*; as práticas culturais realizadas no grupo e dos seus impactos na vida das pessoas integrantes.

MANDJUANDADI: instituição que empodera e emancipa mulheres guineense

As instituições surgem em qualquer população tendo em conta as condições socioeconômicas, políticas e religiosas em que se encontram. Conforme salienta Mintz (1992), as instituições criadas podem ser vistas como espécie de arcabouço em que é possível empregar, padronizar e transformar materiais culturais em novos elementos identitários. O que consiste em delinear os processos pelos quais, os materiais culturais preservados, podem contribuir para construção das novas identidades culturais.

Por sua vez, Borges (2006) considera coletivo de instituição na qual circula bens e serviços, espaços de reciprocidade, troca, oferta e solidariedade social, fornecendo apoio monetário, social e psicológico. Essa interajuda extrafamiliar, privilegia as relações sociais voluntárias e igualitárias (direitos e deveres iguais). Essas formas de organizações sociais proporcionam para os seus integrantes espaço de autonomia, dando contribuições ao meio social.

A *mandjuandadi* é uma instituição que sempre existe na Guiné-Bissau como forma de relações sociais de pessoas da mesma idade que se organizam para realizar trabalhos na aldeia, atividades como a preparação do campo agrícola, a colheita e a cobertura de casas, entre outras. Por ser uma sociedade majoritariamente agricultor, o trabalho produtivo, sem perder a dimensão familiar, tem um caráter comunitário. O mesmo acontece com o usufruto dos bens produzidos em outras áreas (pesca caça), ou seja, sistema de relação se acúmulo de bens. Essas organizações comunitárias acompanham ao longo dos tempos o desenvolvimento social, econômico e político até mesmo dos locais mais distantes do país, assim como, na transformação das práticas culturais de diferentes grupos étnicos como ferramenta da identidade nacional (CÁ, 2000; SEMEDO, 2010,).

O universo cultural *mandjuandadi* é um espaço amplo que se caracteriza por um conjunto de traços culturais comuns, com semelhanças de experiências existenciais e inúmeros intercâmbios no seu interior, num duplo movimento de adaptação e difusão. Compartilhamento de mesmo espaço geográfico entre diferentes grupos étnicos.

Por sua vez, Durkheim (1912) considera que a vida na sociedade é possível só através das relações sociais, crenças que os indivíduos têm em compartilhamento das coisas, possibilitando a comungar mesma crença, dos mesmos sentimentos de pertença.

Ainda autor salienta que, compartilhar mesmo território, fortalece sistema das trocas, permitindo a coesão social, assim como, produz alianças (matrimoniais, trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais, religiosas, políticas, econômicas, jurídicas, entre outros elementos).

Com a invasão europeia, tráfico transatlântico e instalação de novo sistema organizacional (colonialismo) no continente africano e em outras sociedades, possibilita a emergência, ou seja, dinamização de movimentos, coletivos de tipo *mandjuandadi* no campo e nos centros urbanos, como aparato de reivindicação dos direitos com vistas a emancipação, construindo território da construção das novas identidades.

Nos primeiros anos da colonização, o cristianismo e a educação ocidental eram inseparáveis, monopolizados pelas metrópoles coloniais e missionários cristãos. A introdução do cristianismo e da forma da educação “formal” ocidental são fatores fundamentais na desestruturação de modo da organização sociocultural, político e religioso existente no continente.

As escolas foram fundadas, visando facilitar a evangelização e a “civilização” dos nativos. Elas desempenharam papéis fundamentais na produção de novas elite locais e narrativas fantasmagóricas sobre o dito civilizado e não civilizado. A pequena minoria que chegava ao secundário graças a um melhor resultado intelectual medido por critérios da meritocracia, constituía um grupo privilegiado, considerando-se diferentes e superiores à massa popular. Sistema que se baseia na solidariedade comunitária através do qual, os conhecimentos são transmitidos pela oralidade, nos espaços abertos de tipo *mandjuandadi* e nos afazeres cotidianos, são deslegitimados. Um processo escolar seletivo que privilegia alguns grupos de pessoas entre elas (homens), como substitutos dos colonizadores, permitindo acender melhores empregos no novo sistema organizacional de Estado-nação (OYÈRONKÉ, 2017).

No que diz respeito à representação das mulheres nos lugares de tomada de decisão, Oyeronke (2010) afirma que antes da chegada dos europeus no continente África, em particular na sociedade Yoruba da Nigéria, e não só, as mulheres sempre ocuparam lugares muito importantes na esfera econômica, política, cultural e religiosa, ou seja, o desempenho de função não se dá através da categorização gênero, mas sim, através da idade cronológica e linearidade. A implementação do colonialismo, instituição de Estado nação, acabou destituindo os sistemas de organizações que existiam. As mulheres constituem grande número que mais sofreram com a implementação do sistema de Estado-nação.

A Guiné-Bissau tem uma sociedade cuja base da produção e da alimentação da maioria da população se faz através da agricultura familiar. Uma sociedade cuja economia é de caráter informal, as pessoas que não tinham oportunidade de serem alfabetizadas nas instituições

escolares ocidentais, para possíveis desempenho de funções nos sistemas de governação de Estado nação, recorrem aos sistemas agrícolas, para suas sobrevivências, ou seja, continuaram com as suas atividades agrícolas, pesca e caça.

Quando se fala da lugares de fala, emancipação e empoderamento das mulheres no contexto guineense, trazemos para aprofundar a nossa reflexão, três autoras guineense, ex-estudantes da UNILAB, que se dedicam aos estudos de gênero: Petit Mama Gomes (2019), com seu estudo sobre mulheres nas associações na Guiné-Bissau; Mpanta (2020), com seu estudo sobre mulheres na luta da libertação nacional da Guiné-Bissau; Dala Djop (2021), com seu estudo sobre desigualdade de gênero e da representação de mulheres nas esfera pública.

Por um lado, sobre participação das mulheres na esfera política, se percebe que existem poucos números delas nos lugares de destaque, ou seja, as que conseguem, são das famílias de centros urbanos, da cidade, de classe média alta que têm oportunidade de ter nível acadêmico elevado. Pela ausência significativa da representação das mulheres no espaço político, foi criada a lei da paridade que garante 36% das mulheres nas listas dos candidatos para eleições legislativas em 2018, permitindo assim a integração delas na política.

Não obstante, não se verifica a aplicação dela. Pelo efeito de não aplicabilidade da lei na sua íntegra, se percebe nas falas das duas autoras Dala Djop e Iadira Mpanta que isso coloca as mulheres no lugar da subalternização.

Por outro lado, ao refletir com, Petit Mama Gomes, compreendemos que mesmo com não aplicabilidade da lei, para que as suas falas sejam ouvidas, ou seja, para integrar as espaço público, as mulheres recorrem às organizações sociais de tipo *mandjuandadi*, através das composições musicais, expor as suas ideias, os seus reflexos.

As músicas cantadas no seio da *mandjuandadi* são formas de comunicação que as mulheres da *mandjundadi* utilizam para expor as suas ideias, os seus sentimentos tanto de alegria, assim como de dor. Meio pelo qual, as suas falas possam ser ouvidas, retratando a realidade do país, do passado, presente, assim como, do futuro. Chamando atenção sobre diferentes fenômenos (migração clandestina, da excisão feminina, droga) entre outros temas abordados através da música. São meios pelos quais as mensagens de conscientização, do reconhecimento, valorização e preservação das práticas culturais se fazem.

Ainda se percebe nas reflexões da Petit Mama Gomes, através das suas produções agrícolas, hortaliças, das suas *bidas* (microcomércios) a mulheres são geradores de boa parte da economia nos seus grupos familiares, comunidade, o que lhes permite sustentar as famílias. Através dessas atividades, acabam criando grupos de *mandjuandadis*, assim como, nos grupos de *mandjuandadi*, outras mulheres aderem essas atividades como meio de sobrevivência, tendo

independência financeira. Sendo assim, se percebe que as boas partes dessas mulheres possuem vozes, que de modo geral são executadas nos seus lares (casa) assim como na transformação socioeconômica.

Na Guiné-Bissau, as mulheres recorrem a múltiplas estratégias adaptativas como a agricultura (tais como, hortaliças de legumes e verduras, arroz, milho, feijão, amendoim etc.), em Amizade de Babock, por exemplo, as mulheres, em si, ainda têm um controle maior dos meios de produção, em sua base mais agrícola e comercial. O trabalho feito pelas mulheres contribui muito para a luta contra a pobreza tanto nas suas comunidades, nos setores, assim como nos bairros. contribuindo para diminuir os momentos de dificuldade e de escassez de alimentos nas famílias, bem como promover o investimento na alimentação e na educação dos seus filhos (mensalidade escolar), e, conseqüentemente, na economia social. Por isso, essas mulheres conseguem ser protagonistas nas suas famílias, comunidade, assim como no processo de desenvolvimento do país (GOMES, 2019).

É importante ressaltar que o motivo pelo qual as mulheres se responsabilizam pela maior parte da economia do país, fruto de suas atividades organizadas em associações, é por alto índice de desemprego dos jovens e homens, conforme salientou Borges, (2001).

isso é explicado por motivos de desemprego dos jovens e homens no setor estatal, sendo que o principal empregador do país, transferiu a maioria das responsabilidades familiares para as mulheres que, simultaneamente, foram sobrecarregadas com os membros desempregados do grupo doméstico e familiar (BORGES, 2001, p.46).

A constante instabilidade política, como frisou Borges (2001) acima, muitas das vezes fazem com que os funcionários não recebam salário 3, 4, meses, o que dificulta as suas presenças, em termo de garantir sustento familiar (alimentar, mensalidade escolar dos filhos). As mulheres por serem independentes economicamente, como pode ser percebido nos estudos de Petit Gomes, mesmo que o país se encontre nessa condição de instabilidade, elas assumem o papel de chefe da família, trazendo o necessário para sustento da casa.

Muitas dessas mulheres, ou famílias, não dependem do Estado para suas atividades, ou se sustentar. Os trabalhos a elas realizados, lhes permite ter independência financeira. Se consegue sustentar as famílias pelas suas atividades, o que as torna cada vez mais empoderadas.

Se percebe que as mulheres, tanto de campo, assim como, de zonas urbanas, desempenham importante papel, não só no desenvolvimento econômico do país, assim como na educação dos filhos, através das suas atividades que lhes permitem gerar lucros.

Contudo maioria das mulheres que praticam agricultura, horticultura, *bideira*¹, integrantes de coletivos de *mandjuandadi* não têm oportunidade de ser “alfabetizadas”. Porém, não lhes impossibilita de ser agente ativa no processo das transformações sociais, cumprido com seus papéis na sociedade, comprometimento com os seus afazeres. São responsáveis pela formação acadêmica dos filhos, através das suas atividades domésticas, agrícolas e comerciais.

Eu sou um dos exemplos, estou fazendo percurso acadêmico hoje, graças às atividades agrícolas de uma mulher de 65 anos, moradora de zona rural, que não teve oportunidade de ser alfabetizada, minha mãe, Teresa Tomé.

Para Borges (2006), participar nessas estruturas, constitui oportunidade dos seus integrantes acessarem espaço público, poder social que lhes permite demonstrar ou exhibir os seus intelectos, identidades, ultrapassando as limitações hierárquicas, sustentadas na senioridade, raça e no gênero. Além disso, A *mandjudandi*, procura identificar e problematizar diferentes problemas que se passam dia após dia nas comunidades das suas criações. É de salientar que o foco do trabalho é entender como as diversidades étnicas religiosas se conseguem conviver no espaço *mandjuandadi*.

Espaço que conferem às mulheres Bissau-guineenses poder social, econômico e cultural para resistência, servindo de suporte aos seus trabalhos de agricultura, horticulturas, atividades domésticas e comércio para fins sociais e/ou de confraternização, primando pela entreajuda. A existência de coletividades acompanhou sempre a convivência dos Bissau-guineenses (GOMES, 2019; SEMEDO, 2010; TEIXEIRA, 2014).

Assim, *mandjuandadi* na Guiné-Bissau possibilita intervenção organizada na busca pela construção de um espaço público de iguais e na redução das desigualdades sociais. Posto isso, Teixeira (2014) salienta que a *mandjuandadi* tem desempenhado papel muito importante na promoção e valorização das práticas culturais (tocar, cantar e dançar diferentes ritmos musicais das etnias), por ser espaço que acolhe as diversidades, cultuando assim o espírito da resistência, no reforço da “dignidade humana” e da “solidariedade” social.

Assim, se percebe que o coletivo *mandjuandadi* funciona como espaço para recriação de laços familiares e afetivos, bem como pauta e fomenta a discussão de questões políticas. Cria espaço de conexão entre indivíduos, possibilitando a inscrição de memórias e novas experiências.

Coletivos podem ser vistos como espaço que possibilita a afirmação da identidade, trazendo outros olhares sobre fenômenos nos quais os marcadores das diferenças sociais se

¹ Mulheres que produzem ou compram produtos para vender ou revender.

operam. Pensar os coletivos é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar em projetos, novos marcos civilizatórios para que pensem em construir nova utopia (SILVA, 2000; RIBEIRO, 2017).

O coletivo proporciona espaço para (re)construção de novas identidades socioculturais comuns, por meio do associativismo voluntário e aparente em rituais como o de uso de fardas (uniforme da associação), o que contribui para construção das novas identidades socioculturais denotando a intenção de ser reconhecido e identificado como pertencente ao coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de convivência guineense está sempre baseada em *mandjua* (comunidade), a partir do momento que a pessoa integra o grupo, o mais importante é comungar, cultivar os diferentes valores e práticas culturais de cada membro, isto é, o sentido da fraternidade, amor ao próximo. São os princípios em que a *mandjuandadi* se revê.

Os grupos de *mandjuandadis* além de possuírem componente percussivo (tocar, cantar e dançar), dentro da sua estrutura organizacional, possuem subgrupos que trabalham na área de dança tradicional, área de tina, teatro, arte plástica, escultura e poesias, representando as diversas práticas de grupos étnicos Bissau-guineense. Esses subgrupos são constituídos tendo em conta a capacidade criativa que os integrantes têm.

Através dessas representações, *mandjuandadis* perspectivam resgatar, preservar, valorizar e promover práticas culturais de diferentes grupos étnicos guineenses. Convidam a sociedade a reconhecer e valorizar as práticas culturais e a sua diversidade. Em representação das diferentes práticas culturais étnicas que compõem o mosaico cultural e identitário Bissau-guiné na *mandjuandadi*, conseguem se preservar, mesmo não sendo de forma intacta, ainda resistem.

Os integrantes do coletivo se organizam de diferentes formas, dependendo das atividades a serem realizadas. Geralmente, elas compram a mesma cor de tecido ou vestem a mesma roupa, farda, para cada evento. No ensaio que se faz as divisões da dança, música a ser dançada e das roupas a serem usadas em cada apresentação.

Devido à falta do apoio do poder público, dificuldades em ter patrocinador, apoio, os grupos se sustentam através das cotas (valor monetária que cada membro contribui a cada mês). A soma serve para ajudar os membros no momento crítico, momento de dificuldade e para manutenção do grupo.

Os grupos conseguem se manter a partir das suas contribuições, através de receitas dos serviços prestados, casamento tradicional, assim como, moderno, *mandjuandadi* sempre faz parte de animação. Nas cerimônias fúnebres, pós morte e diferentes tipos de cerimônias, as *mandjuandadis* são usadas como elementos da animação ou da realização de campanha de sensibilização para passar mensagem de sensibilização, então todos os ganhos que consegue durante esses serviços prestados permite a manutenção dos grupos a fim de continuar a fazer os seus trabalhos.

De todas as dificuldades que os grupos passam, não constitui motivo de não criação dos novos grupos de *mandjuandadis*. Atualmente existem em todo território nacional mais de 82 grupos de *mandjuandadi*. Os grupos são compostos por um número não determinado de pessoas. É considerado membro, quem se coloca à disposição do grupo e paga cota.

Os trabalhos que as *mandjuandadis* estão fazendo são importantes, não só no sentido de preservar o estilo de gênero musical, fazer a sociedade começar a consumir o que é nosso, que a juventude começa a aceitar o gênero *musical, tina* como elemento fundamental da nossa identidade. Também, através das atividades agrícolas, horticulturas que as mulheres praticam, ajuda, não só, no crescimento econômico do país, redução de fome, assim como, na transformação social, pagando propinas escolar para os filhos. O que lhes torna cada vez mais empoderadas.

Assim, *mandjuandadi* através das suas ações que perspectiva resgatar, preservar, valorizar e promover práticas culturais de diferentes grupos étnicos guineenses, Hampaté Bâ (2010) considera que é necessário voltar às tradições ancestrais, modo de vida antes da invasão colonial e resgatar os valores que fundamentam o modo da vida africana a fim de reencontrar as próprias raízes e o segredo de identidade cosmológica.

Com a presença do colonialismo, através do capitalismo, que cria formas de relações baseada no individualismo, fomos obrigados a integrar o sistema ocidental da organização social, podemos aconselhar as duas formas, ou seja, tirando proveito das duas formas organizacionais, sem, no entanto, sobrepõe uma outra.

O coletivo continua seu comprometimento com a construção do espaço social solidário, que poderá servir de modelo para sociedade de forma geral. Estabelecer solidariedade política, econômica entre os seus membros como uma realidade em curso. Modelo da sociedade equilibrado, onde se reconhece a potencialidade de cada um como mais-valia para o desenvolvimento da sociedade. Dando a oportunidade para cada um desenvolver a sua potencialidade, demonstrando a sua capacidade.

Nessa linha de ideia, a construção de mundo não hegemônico, como frisa Hooks (2008), só se tornará possível quando todos e todas compreendem que a sociedade deve ser construída na base do respeito pela dignidade humana. Essas concepções podem possibilitar a construção de um mundo com políticas educacionais capaz de provocar mudanças de mentalidade.

Assim, os estudos antropológicos têm papel relevante na visibilização de novos sujeitos, conforme salienta Pinho (2003) e na aplicação de estereótipos com relação às formas minoritárias, ou não hegemônicas, de vida social e experiência subjetiva. Emergir novos sujeitos sociais e novas perspectivas culturais muitas vezes já existentes, mas retidas nas margens dos edifícios culturais hegemônicas, mantidas submersas pelos constrangimentos materiais, pela violência e por modos estereotipados de representar/produzir a realidade.

A *mandjuandadi* na Guiné-Bissau, compreende que o espaço possibilita trocas das experiências, construção e produção de saberes/conhecimentos que contribuem para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária. Permite compartilhamento de diferentes práticas culturais, desejos e expectativas que vão permitir a criação de novas identidades. Em que as mulheres, integrantes de *mandjuandadis* pensando a sua própria agência a partir das suas localizações.

REFERÊNCIAS:

- BORGES, Manuela. “**Estratégias femininas entre as badeiras de Bissau. Cidades, comércio, associações e desenvolvimento**”. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001.
- BORGES, Manuela; FREITAS, Joseania Miranda; FERREIRA, Luzia Gomes: *Relações de Alteridades e Identidades: mandjuandades na Guiné Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia*. Impulso, Piracicaba, 17(43): 91-103, 2006.
- DJOP, Dala. **DESIGUALDADE DE GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU**: um estudo sobre a implementação da lei de paridade e o desafio da participação das mulheres guineenses na esfera pública. Redenção, 2021.
- DOMINGOS, Luis Tomas: **A VISÃO AFRICANA EM RELAÇÃO À NATUREZA**. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>.
- DURKHEIM, Émile. **Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse**. Plon, Paris, 1912.
- FLICK, U. **Codificação e categorização**. In: Introdução à Pesquisa Qualitativa (pp. 265-275). Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOMES, Peti Mama. *Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Bobock e Bontche*. Redenção, 2019.
- HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva. História geral da África, C a p í t u l o 8 I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.
- HOOKS, bell. *O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras*. 7 Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2008.
- INGOLD, T. (2018). **Antropologia versus etnografia**. Cadernos De Campo (São Paulo 1991), 26(1), 222-228.
- MINTZ, Sidney & Price, Richard. **O Nascimento da Cultura Afro-Americana**. Uma Perspectiva Antropológica. Rio de Janeiro, Pallas. 1992.
- MPANTA, Iadira. **MULHERES DA UDEMU E EXPERIÊNCIAS DE VIDA**: da luta de libertação à participação política Natal - RN 2020.
- OCUNICÁ, Lourenço. **A Educação Durante A Colonização Na Guiné-Bissau (1471-1973)**. Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, SP, v.2, n.1, out. 2000.
- PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes antropológicos, n. 42, p. 377- 391, 2014.
- PINHO, Osmundo. *Uma experiência de etnografia crítica: raça, gênero e sexualidade na periferia do Rio de Janeiro*. Sociedade e Cultura, 2003, 6.1.
- RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.
- SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As mandjuandadi**: cantigas de mulher na GuinéBissau: da tradição oral à literatura. Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. ISBN 85.326.2413-8.

SHAH, A., Álvares, L. P., Benassi, G., Olegário, A., & Lanna, M. (2020). **Etnografia? Observação participante**, uma práxis potencialmente revolucionária. *Revista De Antropologia Da UFSCar*, 12(1), 373–392.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Estado e Sociedade Civil em Cabo Verde e Guiné-Bissau**: Djuntamon para novas relações. *Cadernos de Estudos Africanos* [online], 31 | 2014.

Urpi Montoya Uriarte, « **O que é fazer etnografia para os antropólogos** », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 201.